

## PETRÔNIO E A MODERNIDADE DA PROSA LATINA

Maria Ivonete Santos SILVA\*

**Resumo:** Neste estudo, nosso objetivo é analisar os elementos estruturadores da obra *O Satyricon*, de Petrônio, sobretudo aqueles considerados como os principais responsáveis pela ponte que se estabelece entre a Antigüidade clássica latina e esta nossa desconcertante Modernidade.

**Palavras-chave:** estudos clássicos; tradição; modernidade.

Não se sabe ao certo a qual Petrônio é correto atribuir a autoria de *O Satyricon*. Isto porque na história de Roma existiram vários Petrônios, ou pelo menos, mais de um: Caius Petrônio, Titus Petrônio, entre outros. Mas, tomemos como referência o Caius Petrônio Arbiter, citado por Ettore Paratore em seu manual *Historia da Literatura Latina*<sup>1</sup> uma vez que este alude a fatos e personagens da primeira época imperial, ou seja, a época dos “Imperadores Julio-Claudianos”, que começa em 14 d.C. e vai até 68 d.C., quando morre Nero.

Sobre Nero, sabe-se que foi o último e um dos mais perversos imperadores da dinastia dos “Imperadores Júlio-Claudianos” e, já nessa época, vislumbravam-se os sinais de decadência do Império: guerras e conflitos internos haviam criado em toda a românia um clima de desconfiança em relação aos propósitos de seus dirigentes; a credibilidade do povo nos poderosos de Roma e, conseqüentemente, nas suas instituições, encontrava-se profundamente abalada; os costumes e a moral estavam degradados, a crença nos deuses - que nunca significou um referencial de submissão e de obediência dos romanos às divindades -, estava mais fragilizada do que nunca, tendo em vista os progressos que o Cristianismo começava a alcançar junto ao povo romano. Enfim, a situação era de crise.

Esse cenário de corrupção e mau gosto interfere nas produções literárias do primeiro século da Era Cristã. Os poetas da época assumem como *práxis* o uso da palavra pela palavra, ou seja, a palavra apenas como instrumento retórico, sem nenhuma discriminação ou substância. Observa-se ainda que, nesse momento, ocorre uma mudança de direção, no que tange às preocupações com a arte literária propriamente dita, principalmente se levarmos

---

\* Doutora em Teoria Literária pela UNESP/SP; professora do Instituto de Letras e Linguística da UFU e bolsista do CNPq, com projeto de pesquisa em nível de pós-doutorado em andamento na UFMG. E-mail: missilva@ufu.br

<sup>1</sup> PARATORE, E. *História da literatura latina*. Trad. Manuel Losa, S. J. Lisboa.: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

em conta o período anterior - o "Período de Ouro" da literatura latina. Vejamos, no fragmento abaixo, como Petrônio, renunciando a decadência do Império recomenda, por meio de suas personagens, alguns procedimentos indispensáveis à arte literária.

- Muitas pessoas – disse Eumolpo -, já na sua juventude, ficaram decepcionadas com a poesia. É que, desde que se conseguiu medir os pés de um verso, encerrar uma idéia um tanto delicada num período, julga-se imediatamente que se atingiu o Helicon. Por isso é que certos advogados, fatigados pelos trabalhos no fórum, procuraram na calma da composição poética uma espécie de porto mais feliz, julgando que se podia mais facilmente construir um poema do que uma controvérsia ornada de mil pequenas pontas brilhantes. Mas um espírito bem formado não aprecia ouropéis<sup>2</sup>, o espírito não pode conceber nem dar à luz sem ter sido impregnado pela vaga imensa da literatura. É preciso evitar, no vocabulário, aquilo a que chamarei "facilidades", é preciso recorrer às palavras desconhecidas do povo, de modo a realizar o verso célebre: "Odeio a multidão profana e mantenho-a longe de mim". Em seguida, é preciso atender a que formas felizes não entrem em choque com o corpo da obra, mas que brilhem em harmonia com o tecido em que se inserem. Testemunhas, Homero e os poetas líricos; testemunhas, o romano Virgílio e a felicidade que Horácio deve ao seu trabalho. Os outros ou não viram o caminho que devia conduzi-los à obra poética ou, se viram, rezearam dirigir para aí os seus passos (*Satyricon*, p.134).

A visível decepção de Eumolpo com a produção artística e literária que vinha sendo realizada naqueles tempos não o impede de emitir, em tom de aconselhamento, a sua opinião. Como poeta, ele sabe que a verdadeira poesia não nasce de "facilidades", mas de um trabalho incansável de dedicação à poesia e, conseqüentemente, às suas regras. Por isso ele cita Homero, Virgílio e Horácio, desde aquela época, considerados "grandes".

Atribui-se à decadência da época de Petrônio, a repetição ou mesmo a cópia disfarçada de modelos literários já desenvolvidos e já consagrados no período anterior. Em compensação, algumas obras, mesmo não se enquadrando nos modelos clássicos, são consideradas interessantes, geniais, até. Entre elas, destaca-se a obra de Petrônio. E por quê? Essa pergunta tem levado muitos estudiosos a buscar, sob vários aspectos em *O Satyricon* - principal e, talvez, única obra conhecida do autor -, a(s) resposta(s). Nesse estudo, como já foi dito anteriormente, nos ocuparemos de identificar e, em seguida, analisar comparativamente os principais elementos estruturadores que, no texto em questão, se articulam e promovem no leitor da atualidade experiências literárias idênticas às de outras produções contemporâneas.

---

<sup>2</sup> "Ouropéis", que vem "Ourope" e significa liga metálica de cobre de cor amarela que imita ouro; brilho falso, esplendor aparente.

**O Satyricon...** É, indubitavelmente, uma obra valiosa sob o ponto de vista literário e também sob o ponto de vista histórico. A linguagem que nela é utilizada assume aspectos diversos, conforme as personagens que falam: ora é culta, rebuscada, ora é cheia de termos populares, de metáforas, de provérbios, de idiotismos e de “grecismos”. Tudo isso faz de Petronio um escritor original, dotado de rara capacidade de observação. As suas sátiras são, à maneira de Ênio e Varrão, *menipéias*. Estes, por sua vez, compuseram à semelhança de Menipo - filósofo autor de uma coleção de sátiras, escritas alternadamente em verso e prosa.

**O Satyricon...** Trata-se de um romance, cuja estória posteriormente classificada como *picaresca*<sup>3</sup> é protagonizada por três jovens depravados. Um deles, Encólpio, é o narrador que, em primeira pessoa, narra as aventuras e desventuras de percorrer, em companhia de Giton e Ascilte, diversas províncias do império. Ainda aparece como um quarto protagonista da narrativa, Eumólpo, um velho poeta, amargurado e degradado pelas circunstâncias daquela civilização. Ele também compõe a galeria das personagens-tipo depravadas, obscenas e sem nenhuma qualidade moral, como veremos mais adiante na sua narrativa sobre o episódio “O Jovem de Pérgamo”.

A obra é, na sua totalidade, composta de fragmentos que mantêm entre si uma unidade surpreendente. O complexo encadeamento das várias estórias que perpassam a narrativa principal revela uma intenção clara de Petronio de expor ao ridículo os maus costumes daquele tempo, a corrupção, os vícios, a depravação e a perda total dos valores éticos, morais e religiosos. Tudo isto, visto com os olhos do aristocrata requintado, aquele que ri com desprezo de todos, ignorantes ou hipócritas, que se sentem prestigiados pelos poderosos de Roma. Eleito pelo próprio Nero como o “árbitro da elegância”, Petronio era esse aristocrata que, por meio de suas personagens e de suas estórias mirabolantes, ironiza com um incomparável cinismo a sociedade romana da época.

**O Satyricon...** Sua estrutura, aparentemente linear, confunde o leitor na medida em que as várias estórias narradas em concomitância com a estória principal - a dos jovens aventureiros - criam uma dimensão não-linear. Ou seja, ao mesmo tempo em que o protagonista e narrador principal Encólpio, dá indícios de um tempo de sucessão, cronológico, outras estórias, sobrenaturais, “horripilantes”, inserem elementos míticos, lendários, que acabam criando uma outra dimensão temporal cíclica, não-linear. Como exemplo, podemos citar as estórias de lobisomem, da bruxa Enotéia, além das invocações às ninfas, aos deuses e deusas proferidas, a todo o momento, por romanos e romanos poderosos.

---

<sup>3</sup> As narrativas *picarescas* são aquelas em que seus personagens são ardilosos, astutos, velhacos e trapaceiros. De um modo geral, estão sempre querendo levar vantagem em tudo sem medir as consequências de seus atos.

Em meio aos fragmentos das aventuras narradas, os personagens Encólpio, Ascilte e Giton, aparecem como *flashes* ou *flashes-back* e, quase sempre, ofuscam a compreensão das estórias, principalmente se o leitor tenta encontrar uma lógica que não seja a lógica do próprio texto: uma lógica absurda, insensata e, ao mesmo tempo, tão próxima de todos nós, sujeitos dessa modernidade que nos confunde e nos consome; que nos deixa perplexos ante a absurdidade dos Acontecimentos<sup>4</sup> e, por isso mesmo, nos remete ao *non sense*.

Contudo, não podemos dizer que Petrônio deforma a realidade. Ao contrário, ele procura ser fiel a ela. Tanto é assim que alguns críticos afirmam ser *O Satyricon* “o primeiro romance realista”. É Encólpio, seu narrador principal, quem afirma - “eu conto os costumes do povo” -, e esse povo, na visão de Petrônio, reflete os novos ricos, os libertos, os desocupados, os degradados pelas corrupções do corpo e da alma, bem como por aquele ambiente físico tão diverso da antiga e gloriosa república romana.

A obra por inteiro é muito vasta para que possamos abordar, de uma só vez, questões de estilo, de linguagem, além de outras características que sempre resultam na perplexidade do leitor. Sendo assim, para nossa reflexão crítica, selecionamos, apenas, uma das narrativas que aparecem na “Ceia de Trimalquião” e que se entrelaça à narrativa principal de *O Satyricon* - o episódio narrado pelo poeta Eumólpo, intitulada “O Jovem de Pérgamo”.

Identifiquemos, na estória abaixo, os elementos estruturadores da narrativa responsáveis pelo estabelecimento de uma ponte que une a obra em questão - hoje considerada um clássico da literatura universal -, a outras produções literárias que encerram, em si mesmas, características da Modernidade. Com o objetivo de destacar a força do narrador, elemento que, na trama narrativa de todas as estórias de *O Satyricon* prepondera sobre todos os demais, reproduziremos integralmente a narrativa de Eumólpo sobre o episódio “O Jovem de Pérgamo”. O nosso intuito é, antes de tudo, demonstrar a importância dos clássicos, devido a sua indiscutível atualidade.

(O velho poeta, de nome Eumólpo, conta a Encólpio as suas aventuras de jovem).

“Na Ásia, para onde tinha sido levado por um questor, quando prestava serviço militar, instalei-me numa hospedaria, em Pérgamo. Estava muito satisfeito, não só porque a casa era elegante, mas porque o hospedeiro tinha um filho de grande beleza e eu meditava um plano para me tornar seu amante, às ocultas do pai. Sempre que à mesa se discutia o amor dos belos rapazes, indignava-me com tanta violência, recusava-me tão severamente a dar ouvidos a essas conversas indecentes que a mãe,

---

<sup>4</sup> Em *Lógica do sentido*, p. 151, Gilles Deleuze, quando trata do “acontecimento”, afirma a sua relação com o sentido. Diz ele: “O brilho, o esplendor do acontecimento é o sentido. O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera”.

sobretudo, considerava-me um dos sete sábios. A tal ponto que me incumbiram de acompanhar o jovem ao ginásio, de vigiar os seus estudos, de instruir e de aconselhar, zelando para que nenhum sedutor fosse admitido em casa.

Certo dia em que dormíamos na sala de jantar, porque era dia de festa, não havia aulas e um festim prolongado nos tinha tirado a vontade de ir para os respectivos quartos, notei que a criança não dormia. Então, num murmúrio, formulei timidamente um voto: - Nossa senhora Vênus se puder dar um beijo a esta criança sem que ela dê fé, trazer-lhe-ei um casal de pombas. Ao ouvir o preço por que eu ia pagar o meu prazer, a criança pôs-se a risonhar. Por isso, aproximado-me do falso adormecido, dei-lhe vários beijos. Satisfeito com este começo, levantei-me cedo, fui escolher um casal de pombas, que lhe entreguei: já esperava e vi-me assim liberto da minha promessa.

Na noite seguinte, tendo a mesma possibilidade, mudei a condição, dizendo: Se puder acariciá-lo com mão atrevida, sem que dê fé, dar-lhe-ei dois fogosos galos de combate. Ao ouvir esta promessa, o efebo aproximou-se e estou certo que teve medo que eu tivesse adormecido. Acalmei então a sua inquietação e gozei alegremente todo o seu corpo, sem, no entanto, chegar ao prazer supremo. Quando o dia nasceu, levei-lhe, com grande alegria dele, o presente prometido. Logo que uma terceira noite me proporcionou a possibilidade, levantei-me e disse ao ouvido do jovem, que fingia dormir: - Deuses imortais, se puder tirar desta criança adormecida um gozo total e plenamente desejável, em troca dessa felicidade dar-lhe-ei amanhã um belo trotador da Macedônia, contanto que ela não dê fé de nada. Nunca o efebo teve um sono tão profundo. Por isso comecei a encher as mãos com os seus seios brancos como leite, depois coleí a minha boca à sua boca, em seguida satisfiz na nossa união a realização de todos os meus desejos. No dia seguinte ficou no quarto à espera que eu procedesse como de costume. Mas sabes bem que é mais fácil comprar pombas e galos do que um trotador e, além disso, receava que um presente tão considerável tornasse as minhas amabilidades suspeitas. Portanto, depois de ter passeado durante várias horas, voltei para casa e limitei-me a dar um beijo à criança. Mas ela, lançando-me os braços ao pescoço e olhando para todos os lados, pergunta: - Por favor, senhor, onde está o trotador?

(Lacuna)

Embora esta partida me tivesse interdito o acesso que havia preparado, consegui reencontrar as facilidades. Poucos dias depois, tendo um acaso semelhante aos precedentes, proporcionado a mesma situação favorável, logo que compreendi que o pai risonhava, pus-me a pedir ao efebo que fizesse as pazes, isto é, que não contrariasse o seu prazer, e disse-lhe tudo o que sugere o desejo mais inflamado. Mas ele, visivelmente irritado, apenas dizia: - Dorme ou direi ao meu pai. Mas não há nada tão difícil que a insistência não consiga vencer. Enquanto repetia: - Vou acordar o meu

pai, aproximei-me e, apesar de uma defesa simulada, furtei-lhe o meu prazer. E ele, que o meu ato de audácia não deixara indiferente, depois de uma série de queixumes, repetindo que tinha sido enganado, exposto às zombarias dos seus discípulos, a quem gabara a minha riqueza, acabou por me dizer: - Pois bem, não procederei como tu. Se quiseres, recomeça. E eu, feitas as pazes, reencontrei as graças da criança e, depois de me ter aproveitado da sua generosidade, deixei-me mergulhar no sono. Mas o efebo não se contentou com uma simples repetição: estava em plena flor da idade e ardia no desejo de se entregar ao prazer. Por isso arrancou-me do sono e perguntou: - Não queres mais nada? O presente não era, sem dúvida, absolutamente desprovido de encantos. Por isso, afadigando-me, suspirando e suando, dei-lhe o que queria e deixei-me de novo cair no sono, morto de prazer. Menos de uma hora mais tarde, eilo que me belisca e diz: Por que não voltamos a fazê-lo? Então, furioso por ser acordado tantas vezes, devolvi-lhe as suas próprias palavras: Dorme ou direi ao teu pai”.

Em meio a outras estórias, a do *Jovem de Pérgamo* serve apenas para ilustrar a riqueza e a atualidade dos temas abordados em *O Satyricon*. Nessa estória, em especial, observa-se a corrupção dos costumes sendo desencadeada justamente por aquele que deveria promover a boa educação: o preceptor da família, aquele que havia recebido dos pais da criança a confiança nos seus serviços e, por isso, o havia acolhido dentro da própria casa. Observa-se também que o preceptor-narrador, o poeta frustrado Eumólpo, na condição de homem velho e degradado, se compraz em contar suas aventuras homossexuais naquele ambiente onde nenhum dos presentes se salva. Sob a ótica de Petrônio, todos fazem parte de uma sociedade irremediavelmente fadada à destruição. E, nesse sentido, além de fazer uma alusão direta ao período de Nero, a obra faz também uma alusão a Augusto que, durante o seu período, tentou, via mecenato, recuperar a moral e os bons costumes da sociedade romana.

A moralidade, praticamente imposta por Augusto, no período de Nero transforma-se em abandono aos vícios e à corrupção. E é sobre essa situação que Petrônio se debruça para expressar a sua crítica mordaz ao homem e à sociedade daquele primeiro século depois de Cristo.

Sendo assim, podemos concluir dizendo: a modernidade está na articulação dos vários temas abordados, nas varias estórias narradas; está na recorrência a uma simbologia que, a todo o momento, nos remete às imagens do “abismo”, do “pó”, ou da “poeira”, e da “névoa”, que embaça e obstaculariza uma visão nítida das coisas; está na composição das personagens-tipo - a grande maioria incorporando características consideradas pós-modernas como, por exemplo, a presença de seres andróginos, dos semideuses, das bruxas e bruxos, além de outros seres extravagantes, inusitados, cujas ações sobrecarregam o texto de enigmas indecifráveis, inviabilizando as interpretações ralas. As estórias são inumeráveis assim como são inumeráveis os sentidos que se pode extrair

delas. Por tudo isso, a participação do leitor torna-se imprescindível, construindo e desconstruindo sentidos preestabelecidos, atualizando, a partir do próprio texto, uma série de conceitos, inclusive o conceito de Modernidade.

Há uma sobreposição de tempos - do tempo linear pelo cíclico; os espaços são também bastante diversificados, uma vez que os protagonistas percorrem várias províncias da românia em busca de aventuras; a linguagem é um ponto de intercessão entre os elementos da época clássica e da modernidade, haja vista sugerir uma reflexão sobre a própria linguagem, como já comentamos anteriormente. Enfim, o sujeito perdido, sem perspectiva de vida, sem futuro, sem crenças ou valores éticos e morais que aparece na narrativa *petroniana* é aquele mesmo sujeito que freqüentemente encontramos nas narrativas modernas em busca de um "caminho", metaforicamente entendido como a busca de um sentido para vida - tema recorrente em muitas produções literárias modernas.

## **SILVA, M. I. S. PETRONIO AND MODERNITY OF THE LATIN PROSE**

**Abstract:** Our objective in this paper is to analyse the structuring elements of Petronius's *Satyricon*, above all, mainly those seen as being responsible for the bridge between latin classical Antiquity, and this most disconcerting Modernity.

**Key-words:** *classical studies; tradition; modernity.*

### **Bibliografia**

ALBAGNANO, N. **História da Filosofia**. Vol. II. Lisboa: Editorial Presença, 4<sup>o</sup> ed., s/d.

AQUATI, C. **Uma história arrepiante de Satyricon (Petrônio)**. Clássica, supl. 2, p. 55-61, 1993.

CARDOSO, Z. **A literatura latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

FEITOSA, L. M.G.C. **Mulher, amor e desejo segundo a literatura do alto Império**. Clássica, supl. 2, p. 125-130, 1993.

GOETTEMS, M.B. **César e Catão: duas vozes antitéticas na historiografia literária de Salústio**. *Organon* 20, vol. 7, n. 20, p.27-32, 1993.

\_\_\_\_\_. **Considerações preliminares sobre o jogo antitético na historiografia de Salústio**. Clássica, supl. 2, p. 117-123, 1993.

JAKOBSON, R. **O que fazem os poetas com as palavras**. Colóquio de Letras, n. 12, p.5-9, 1973.

MENDES, J.P. **Ética e argumentação - retórica moderna**. Clássica, v.6/6, p.207, 1992/1993.

PARATORE, E. **História da literatura latina**. Trad. Manuel Losa, S. J. Lisboa.: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PETERLINI, A. **A. Lucrecia e o ideal romano de mulher**. Língua e Literatura, v. 16, n. 19, p. 9-28, 1991.